O NORTE

EDIÇÃO ESPECIAL

JOEL OLIVEIRA
RUA BARROSO, 14
THERESINA

Summario

Dr. Abdias Neves . . . . . Redacção
O Carro de bois . . . . . A. N.
O sangue das rosas . . . . . A. N.
A Superstição no Piauhi . . . . . A. N.
Ao sol . . . . . A. N.
Trecho de um estudo . . . . . A. N.
Os mythos solares entre os indios . . . A. N.
Epopèa do branco . . . . . A. N.
A paschoa e os ritos do fogo . . . . . A. N.
Por minha vez . . . . . Plauto
O poeta . . . . . Um amigo.
Guerra do Fidiè . . . . . Redacção

CASA "ANISIO BRITO"
(Bibliotheca Publica)
TERESINA

O NORTE

EDIÇÃO ESPECIAL

REDACTOR—*CESARIO SOUZA*

ANNO IX ✻ PIAUHI, Therezina, 10 de Novembro de 1907. ✻ N. 347

Dr. Abdias Neves

Faz annos hoje o dr. Abdias Neves, juiz substituto na secção deste Estado e um dos directores do *Atheneu Piauhiense*.

Não ha muito, no dia de hoje, quando um grupo sincero de amigos seus na mais franca expansão de uma alegria sã, festejava o seu anniversario, um collega matutino desta capital, então, alludindo ao facto, applicava ao joven piauhiense as palavras de que se serviu Zola para caracterisar a individualidade de Jules Claretie: «E' uma fonte cuja torneira está constantemente aberta e donde a agua corre sempre com a mesma facilidade e sempre com a mesma força». *O Norte*, que muito deve à collaboração de Abdias Neves, não podia lhe prestar maior homenagem que a de reproduzir este conceito cuja justeza é perfeita e completa. Nessas palavras simples e concisas foi exactamente vasado o seu perfil moral. A sua fecundidade espantosa offerece-lhe este accentuado ponto de contacto com o erudito presidente da Academia franceza e si alguma coisa tivessemos a acrescentar seria aquella phrase que Littré applicou a Spencer: *C'est un esprit net et précis.*

Sim, porque o joven autor da *Guerra do Fidié*, mesmo nos seus mais ligeiros artigos, nos trabalhos em que a angustia do tempo não permitte lavor literario, tem a preoccupação do bem falar e bem dizer. E, embora no dizer de Tobias Barreto, sejam a consciencia, a boca e a linguagem as tres coisas que neste mundo o homem não póde conservar completamente puras, elle bem se póde gabar de ter o seu estylo a sonoridade do bronze e a sua linguagem o menor numero de imperfeições possivel. As poderosas forças creadoras de sua imaginação lhe dão grande predominio nas nossas rodas literarias. E o que, sobretudo, contribue para o seu grande destaque é a faculdade superior de dividir e subdividir o tempo. Em toda a parte o vemos com o seu riso alegre de uma mocidade incançavel. Sempre alegre, sempre folgazão, elle não conhece a fadiga. E' um polychrestos e tem o dom da ubiquidade. Melòmano, elle promove e incita clubs. Sollicitado, nunca negou concurso franco aos seus patricios, trate-se de defender as nossas fronteiras, de tornar conhecida o veio aurifico de nosso abundante *folk-lore*, de mostrar a rotina dos nossos antigos processos de creação, de remodelar os nossos velhos methodos de ensino, de impulsionar os meios do povoamento do nosso sólo, de pintar os nossos costumes, trate-se de tornar conhecidos là fóra a nossa literatura, a nossa historia e os nossos homens. Em quasi todos os jornaes do Estado, tem elle deixado os traços vivos de sua penna. Por onde passa vai deixando o tom pessoal, unico, inconfundivel, de sua superior individualidade Outras fossem as suas condições monetarias e de diversos volumes se comporia, jà, sua bagagem literaria. Infelizmente vai ainda longe o advento de uma humanidade sem abdomen e o poeta, orador ou publi-

cista, tem, como toda gente, de se preoccupar com essas coisas rasteiras que nos torturam diariamente. A necessidade de trabalhar para viver lhe rouba o melhor do tempo. Mesmo assim, não é mais uma crisalida, uma dessas promissoras esperanças de que vive farta a nossa literatura. E' um nome feito. O seu *Manicaca* está prompto, capaz de entrar no prélo e o nosso publico já o conhece em parte pela publicação que delle fez um jornal desta capital. E' uma obra vasada nos mesmos moldes que a *Normalista* de Adolpho Caminha e o *Atheneu* de Raul Pompeia. Nelle, para citar Brunètiere (*Le Roman Naturaliste* pag. 256), «os personagens não são encarados como outr'ora no circulo estreito da familia, estão em communicação perpétua com os prejuizos, isto é, com a sociedade e com a lei.»

Como todo rapaz, nessa idade em que mais se vive, pois é quando mais se ama, elle fez versos, cantou, sorriu, sonhou. Hoje, porém, em marcha dos seus 32 annos, já assistiu ao amarellecimento de muitos de suas illusões e o poeta lirico-parnasiano que elle foi, cedeu logar ao estudioso entregue a trabalhos mais profundos. O raciocinio matou a imaginação. Poucas vezes verseja hoje e, talvez, os unicos versos inedictos que possue são os que dam os publicidade.

Apesar da febre insaciavel que o arrasta para o jornalismo, para a critica literaria e religiosa e para a historia do Piauhy, elle nnnca deixou de bem estudar a sciencia que professa. Os dois annos em que no interior do Estado exerceu funcções judiciarias consagrou-os ao cultivo do direito. E aqui na sua judicatura nunca viu um despacho seu reformado por seu superior.

Para ser justo não precisa ter, como pensava Claretie, *o ar desses magistrados do seculo XVIII representados nos pasteis de Peroneau.*

Abdias Neves, ostentando sempre uma bella flôr nas suas *toilettes* claras, si algumas vezes tem peccado como juiz é pela sua preoccupação de independencia, pelos seus exageros de Catão, para não incorrer na suspeita de parcialidade. Si por vezes, o coaxar de nefarios ludros tem procurado tisnar o arminho de sua toga, é que, como os de sua classe, tem de pagar esse pesado tributo.

«Victimam em toda a parte os magistrados, diz-nos o sr. A. Celso, a injuria e a calumnia. Parcas vezes os escudam. A propria dignidade do officio ordena-lhes silencio. Processar, accusar, julgar é tarefa escabrosa, cujo emprehendimento sempre descontenta alguem.» As partes nunca lhes rendem justiça. A que foi absolvida tinha razão; a que foi condemnada, deve-o á prevaricação ou á ignorancia.

Ha um proverbio francez que confere às partes a regalia de descompôrem o juiz por espaço de 24 horas. No Brasil, esse praso não tem limite e dahi se verem magistrados transformados em *machinas judiciarias* quando não querem satisfazer interesses feridos. Com a consciencia tranquilla do homem que nobremente tem o seu dever cumprido, nunca, porém, para honra sua, deu ouvidos a esses libellos que si alguma coisa provam é contra os seus autores.

Il vaut mieux se mouiller les ailes dans la nue
Que de souiller ses pièds dans la fange d'ici bas

è o conselho do poeta que elle obedece religiosamente.

A mais grave doença de nossa epoca, assegura Nordau, è a covardia: poucos sustentam o que pensam e menor ainda é o numero dos que dizem o que sentem. Elle possue bem a coragem de pôr os seus actos de accordo com as suas convicções e quando fala ou escreve é sempre com sinceridade e firmeza.

O seu desejo não é contentar *tout le monde et son père*, mas cumprir o seu dever, aconteça o que acontecer.

— Os ultimos trabalhos de Abdias Neves publicados no sul do paiz indicam a norteação do seu espirito para a philosophia mecanica e a sociologia.

Achou-a sempre insufficiente para satisfazer os modernos progressos da sciencia que não empaca ante o obstaculo das causas primarias, desde que Hœkel verificou a geração de um corpo vivo pela natureza sem vida. Para elle a investigação do conhecimento se não deve limitar apenas ao estudo das leis que regem a phenomenalidade universal. A idéa de philosophia implica, como diz Graça Aranha, a idéa de concepção do mundo e a escola philosophica que bane qualquer investigação nesse sentido não póde occultar o atraso em que se acha acerca dos recentes progressos da biologia. Si entre o organico e o inorganico não ha mais

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Publica)
TERESINA

aquella separação que anteviam os dualistas, mas, ao contrario, Lamark já firmou que não ha differença essencial entre a vida e a não vida, é claro que o problema das causas primeiras não é mais insoluvel como entendia A. Comte.

A philosophia comtista está fòra do seu tempo, uma vez que o incognoscivel de hontem é submettido á retorta da experimentação e dá a chave do enigma.

A sua philosophia, pois, é o monismo mecanicista de Hœkel, formula philosophica contraria ao monismo de Noirée que tantos proselytos contou nas nossas Academias, graças ao genio de Tobias Barreto que o transportou da Allemanha para o Brasil. Abdias Neves, apesar da sua grande admiração pelo teuto-sergipano, sempre discordou da sua opinião desde que elle se tornando discipulo de Noirée procurava conciliar o monismo philosophico com a teleologia e achava que elle não tinha horror ás causas finaes (Estudos de Direito pag. 14).

Procurou então se familiarisar com Hœkel e hoje entende com elle que os phenomenos vitaes como os demais da natureza, são regidos por leis fixas e immutaveis e não passam de combinações physico-chimicas. —Apontando as diversas faces do talento de Abdias Neves não quizemos analysar a sua obra; prestamos apenas, uma homenagem ao nosso collaborador. E a prova da sua operosidade encontrará, quem ler os artigos que adiante estampamos a respeito das multiplas manifestações de sua actividade mental.

O CARRO DE BOIS

Ha uma tristeza infinita, ùa amargura immensa, no olhar manso e concentrado, profundamente humano e serenamente doce, dos bois empregados na tracção de carros.

Tenho, muitas vezes, ficado horas inteiras observando-os, tentando prescrutar-lhes os mysterios e as estupendas agonias, preso áquellas pupillas azues, de um azul escuro de céo de junho ou de aguas em repoiso. Tenho, muitas vezes, me deixado envolver nas sombras d'aquella magua desconhecida e anonyma,—a peior de todas as maguas porque é das que se escondem no silencio. Tenho me deixado arrastar n'aquella scisma eterna, na inconsciencia do sonho torturado por ùa dor incomprehendida. E nunca se adelgaçou aquelle nevoeiro para que eu podesse penetral-o...

Ha uma intelligencia ali occulta, a espiar o mundo atravez d'aquelles dois olhos sempre abertos e sempre scismadores, grandes e mudos, tristes e meigos ? Ha ùa alma na clausura d'aquellas duas saphyras, palpitando na ancia suprema de libertar-se e vir banhar-se de sol, na orgia de luz que doira os campos ?Quem o sabe ?pode ali viver uma intelligencia desprezada, mas intensa e investigadora, que conheça o destino fatal de sua trajectoria por este mundo. Pode ali viver uma vontade adormecida sob as condições de passividade impostas pelas circunstancias do momento.Não o duvido;para mim entretanto, aquella dolencia, aquella indifferença, aquella passividade, é ùa herrança transmittida de individuo a individuo, em toda a escala animal.

Que o boi vem de longe; marca o segundo dia de nosso apparecimento à face do planeta. Foi elle quem arrastou o carro dos triumphadores das claus; foi elle quem serviu ás estupendas migrações que assombraram o mundo; foi elle o primeiro laço que prendeu o homem á terra e embaraçou-lhe os impulsos nomades e o caracter aventureiro...

Quando vejo passar um carro, cantando gemendo e bramindo, sinto que elle arrasta uma caudal de seculos, de raças, de povos, de nações, com as maravilhas de seus esplendo-

res e os destroços das suas ruinas. Elle me recorda esses primeiros dias do homem, passados à sombra das flòrestas, na superstição religiosa do grande amor pelas arvores e pelos passarinhos, do grande receio pelo rumor do vento e pelas vozes dos ramos. Falla-me das longas viagens das tribus atravez das matas, impellidas pela fome, tangidas pelo amor, em procura de novos rios e novos campos pejados de fruta e caça. Conta-me os mysterios de extranhos ritos, observados no silencio dos bosques durante noites estrelladas; diz-me todas as tradições pavorosas, feitas de sangue e de amarguras, q' foram os cultos barbaros.

Elle é eterno. Dentro das suas quatro taboas, como dentro de um esquife, leva realezas desthronadas e deuses decahidos. Moysës e Mahomet, Julio Cesar e Anibal, Alexandre e Leonidas, Cakya Mouni, Baalbek, Brahma, Osiris, Moloch, Aphrodite, Jupiter estão ali, entre os destroços de Roma, de Carthago, da Macedonia e de Sparta, entre os escombros do Lend Avesta e da Biblia.

Como o Judeu da lenda christan—o Wainamoinen dos finlandezes, o Malco, dos italianos, João Prestes, Helequin, Ahasverus—elle passou em toda parte, no impulso moroso das rodas gemedôras.

Entre nòs, no Piauhi, elle é o reflexo do nosso progresso: entrou aqui em 1674 e continua o mesmo ainda hoje. Emquanto em todos os outros estados os vapores sulcam os rios destruindo a nota bucolica das margens

«com o immenso pulsar do ferreo coração;»

emquanto a locomotiva arqueja na ancia de espaço, só se escutam, nos sertões piauhienses, a toada dolente e merencoria dos carros. O carro è todo um symbolo, toda uma representação tangivel das condições materiaes e subjectivas do povo: nelle estão reflectidas a situação economica do estado, o seu adiantamento, o modo por que progredimos

E', sobretudo, um prolongamento do caracter enfermiço do sertanejo, todo feito de passividade e indolencia.

Conservemol-o, então, como uma nota do presente e uma tradição do futuro.

A. N.

O SANGUE DAS ROSAS

Quando sinto cantarem sobre as telhas
o oiro da luz e a voz das madrugadas,
vou ver morrer no cèo as encantadas,
pequeninas e fulgidas centelhas.

Inda não despertaram as abelhas
para a festa das ramas enfloradas.
Passaros dormem. E abertas nas estradas
rosas pompeando as petalas vermelhas...

Donde lhes vem aquelle sangue rubro?
Chego pé ante pé, sigo, me encubro
por traz de moitas de onde possa vêl-as,

e vejo, então, olhando o espaço infindo,
aquelle sangue vir do cèo cahindo
pelos olhos de prata das estrellas!

A. N.

CASA "ANISIO BR
(Bibliotecá Public
TERESINA

A superstição no Piauhi

vril die vrelt regiert sein: mit streugeu Gesetzeu und mit Recoteu rund mit Aberglaubeu.

Luthero.

IV

A promessa—Os milagres—Apparecimento do anjo Gabriel e de sua Côrte—Intervenção da egreja— Fim dos milagres.

Foi'no Amarante, ha cinco ou seis annos, ao tempo em que ainda resoavam por nossos sertões as prophecias, tremendas e apavorantes, claras e precisas, do velho Conselheiro. A ancia do sobrenatural, o receio do imprevisto, o terror do incomprehendido, produzia eclosões miraculosas, brilhantes como facetas de crystal, tenues como bolhas de sabão. E em toda parte, nos espiritos cultos e nas almas simples, o sopro do mysticismo passava como um vento de desgraças, abalando crenças, espalhando ruinas, acendendo supersticiosos temores.

Os demiurgos e os milagres se reproduzi-m... O padre Cicero, a freira cearense, a santa dos Mattões, o heroe de Canudos, eram typos que existiam, imponderaveis e dominadores, na crendice grosseira do povo.

Por esse tempo vivia nos arredores do Amarante uma pequena familia de sertanejos devotos, que ordinariamente, passavam um terço do anno em missas, festejos e desobrigas.

Duas pessoas, apenas, o «ménage»-mãe e filha. Aquella, quarentona viuva entregue ás delicias do cachimbo e ás obrigações do rosario para nada mais attendia. Está, triumphando na exuberancia da carnação forte, andava em divida com a natureza, á falta do marido— que tardava.

Tardou tanto, que, afinal, a rapariga, cançada de esperal-o, se deixou seduzir.

E foi caipora, porque, sabendo-a gravida, o seductor veio para Therezina e d'aqui seguiu em procura do Amasonas.

Que fazer agora? Fugir, tambem ?... Prostituir-se? Dar parte da desgraça á velha mãe?

Não deu parte e nem adoptou qualquer resolução. Deixou-se ficar afogada numa tristeza sem fim, perseguida de temores absurdos.

A mãe, entretanto, notou-lhe, em breve, a modificação e se arreceiou. Via a filha definhar, sentia que ella andava doente e que lh'o occultava...

Tratou-a. Esgotou todos os recursos da sua medicina caseira, sem resultado. A rapariga sempre de mal a peior: chegou a não sahir do quarto e, então, a pobre velha se alarmou de veras. A idèa de perdel-a surgiu-lhe como tremenda ameaça! E não havia mas para quem recorrer! O boticario de Amarante desenganara-a. Remedios do mato, todos tinha empregado. Mandara resar de espinhela cahida e de arca levantada, sem nenhum proveito. Feitiço não podia ser que a menina nascera de bruços, em uma sexta-feira e tinha o corpo *fechado*. Sò um milagre. Por que não havia de tental-o? Tentou: fez uma *promessa* ao anjo S. Gabriel. Era o santo da sua devoção, devia attendel-a.

E de facto, o santo ouvio-a, e attendeu-a sem demora. Não era passado um mez e a rapariga estava outra figura, mais forte que d'antes...

E engordando...

O milagre ha de ser sempre o milagre, quer se realise á sombra do céo da Palestina, nos ultimos dias de uma nacionalidade, illuminado pelas crenças de uma raça em caminho para o aniquilamento, quer se verifique à grande luz serena, creadôra, fecunda e victoriosa do nosso sol, em um seculo de assombros e maravilhas.

Ha de ser sempre uma nota que se destaca, uma solução na ordem natural dos factos, ûa assonancia na harmonia que preside a existencia universal dos seres.

Teve e terá ûa feição divina, absurda, sobrenatural, porque divinos, absurdos e sobrenaturaes são, para o povo, os phenomenos que escapam á sua intelligencia. E, justamente, porque são divinos, absurdos e sobrenaturaes arrastaram e arrastarão por todos os tempos o espirito religioso das multidões.

Que admirar, então, que hoje elle seja o que foi hontem—um pólo de crenças supersticiosas, em redor do qual se agrupam os simples e os que não exposeram sua fè nos combates pelo conhecimento da Verdade?

Que admirar si o numero dos crentes não diminue, nestes dias estupendos de conquistas maravilhosas, com as quaes o homem se constituiu no planeta o Deus-Machina, vingador e tremendo, senhor de um poder que abate nações, domina oceanos e subjuga as forças naturaes?...

E' que o povo está, sempre, inclinado a ver a intervenção da Providencia nos factos mais communs da vida.

O nosso povo, em especial. Fallem-lhe de mysterios, apparições, *de castigos* e em tudo acreditará. O milagre está em suas tradições; deve se dar, ainda hoje, procura-se e não raro o vê...

Viu-o no caso de Amarante.

A principio, muito poucas pessoas foram ouvil-o, e por simples curiosidade. A noticia espalhou-se, porem, e, logo, engrossou a corrente dos que iam beber a sciencia do caso em sua fonte de origem. D'ahi, o apparecimento de lendas extravagantes, já numerosas quando a mãe da rapariga iniciou o novenario promettido ao generoso archanjo.

Os festejos faziam-se fóra sob ûa latada, no terreiro batido e destocado, onde fôra erguido o altar. Altar, propriamente não: um docel de cobertas sobre ûa mesa e muitas flores, muitos ramos em redor.

Haviam começado as *novenas*, assistidas pela mais extraordinaria frequencia. Um dia, era o terceiro da festa, propalou-se que o anjo Gabriel fôra visto passar, por traz do altar, seguido da luminosa côrte dos Serafins e das Virgens. Quem o tinha visto? não se sabia. Elle devia, porem, ter apparecido e para vel-o se reuniram cem olhos impacientes nos festejos desde logo celebres.

Nem todos, entretanto, os que là estavam, lhe notaram a passagem.

O numero dos videntes cresceu, comtudo, na outra noite e na outra, e afinal todos começaram a vel-o.

Fazia-se preciso, unicamente, um bocadinho de attenção—toda presa ao panno branco que formava o fundo do altar. Em um dado momento apparecia o archanjo arrastado num turbilhão de nuveus, e, logo em seguida, vinha a multidão das virgens, que empunhavam instrumentos de oiro. Vinte leguas, na redondeza, não houve quem ficasse em casa; todo mundo foi se certificar da verdade e os incredulos voltaram convencidos. O municipio inteiro vibrava deante d'aquelle prodigio e tamanho foi o abalo, que o padre da freguezia julgou dever intervir. Foi necessario, porem, acabar as interminaveis novenas e ameaçar com as caldeiras do inferno a quem acreditasse ter visto a cohorte celestial que, no entender do experiente vigario, não passava de farça diabolica.

Ainda hoje, entretanto, cinco, ou seis annos idos, ha quem jure ter visto a divina côrte e dê sobre ella minucias interessantissimas...

(Folk-lore piauhiense).

A. N

AO SOL

Quando mais clara e mais ardente é a sésta,
vou me esconder dos fulgidos ardores
sob a ramada verde, aberta em flores,
de mysteriosa e intermina floresta.

Cauteloso percorro a mata, nesta
passagem atravez mil esplendores.
Não fallo. Evito os minimos rumores,
para espreitar dos passaros a festa.

E emquanto o sol os arvorêdos risca
de traços de oiro e a luz arde e faisca
em mil diamantes pelo chão despersos,

eu, relembrando esses teus modos graves,
fico escutando a musica das aves
para aprender a musica dos versos!

Abdias Neves

TRECHO
de um estudo

Das Deutschtum in Sud-bräsilien

Estabelecendo os termos em que se resolve o problema interessante da germanisação do sul, acceitei, no artigo anterior, para discutir, que o colono se conserve, ainda hoje, ligado à patria distante—não falle o portuguez, não tenha perdido as suas tradições nem modificado os seus costumes.

Acceito, disse eu, e mostrarei que, mesmo nesta hypothese, a influencia do meio physico e a fatalidade das relações com os brazileiros fariam do allemão um mestiço dentro de duas ou tres gerações, rompendo a sua continuidade ethnica e historica. E demonstrarei que, uma

CASA "ANISIO BRITO" (Bibliotecа Publica) TERESINA

vez rompida, sua lingua, suas tradições, seus costumes seriam modificados e o mestiço teria fatalmente de ser assimilado.»

Quando se encara, com effeito, a situação do elemento tedesco, entre nós, e se conhece o pavor que ella inspira, a primeira interrogação que se levanta é si as condições mesologicas actuaes serão bastantes como forças externas modificadoras, para fazer do teuto-brazileiro uma sub-categoria de capacidade ethnica. E a lingua allemã pode escapar á influencia dessas forças? E si não pode, si tende a modificar-se para desapparecer n'uma dialecto; si tende a romper-se a continuidade ethnica do colono dando em resultado uma sub-categoria de raça— conservará, esta, as primitivas tradições e os costumes ancestraes? E, si os não conservar— formada a sub-categoria, alterada a lingua, modificados os costumes, perdidas as tradições, contiuarà o colono preso á patria dos seus maiores? Não continuará porque se terá rompido a sua continuidade historica e elle, assimilado, terá vindo engrossar a corrente da existencia nacional.

Encarado, assim, o poblema, por mais complexo que pareça. resolve-se no estudo do modo por que o *meio* age sobre os individuos e sobre as linguas, em um processo de constante differenciação. E este processo tem se vindo affirmando de Hippocrates, Theodecto de Phaselis, Herodoto e Platão, a Montesquieu, Humes, Hegel, Buckle, Hoekel, Oliveira Martins etc.

Hippocrates via tamanha influencia nas condições mesologicas, escreve Paul Mouzeolle, que chegou a explicar a semelhança dos habitantes da Scythia pelas pequenas variações e quasi uniformidade das estações no paiz. Por sua vez, Theodecto de Phaselis, citado por Strabão, attribue à acção da luz solar, nas regiões quentes, a cor negra e o ondeado dos cabellos do povo...

Quando se diz *meio*, porém, não se abrange, simplesmente, o clima. Este è apenas uma das grandes forças externas modificadoras.

Ha outras: o aspecto physico, a alimentação, a salubridade, o relevo orographico do solo, a situação especial da região. E si o clima, por si sò, quer estudado na insignificante variação das estações, (Hippocrates); quer na acção exclusiva do calor (Theodecto); quer na acção combinada do calor e da humidade (Buckle); si elle, por si sò, não promove a differenciação dos povos e a curva das civilisações, è innegavel, entretanto, a parte com que para ellas contribue. Pode-se dizer, mesmo, acompanhando Quatrefages, que na differenciação de individuo a individuo é elle o factor mais importante. E, negal-o, è negar factos de observação quotidiana, vendo, como vemos, diariamente, desdobrarem-se, deanto de nòs, os phenomenos da adaptação. Basta considerar com Blumenbach, que se deve attribuir a coloração da pelle ás variações thermicas e que a côr negra, que predomina em os habitantes da zona torrida, é um producto do calor, producto adquirido, gradativamente, pela acclimação e fixado pela hereditariedade.

Não sòmente, entretanto, sobre o physico, a acção do clima se manifesta: manifesta-se, tambem, sobre o moral dos individuos.

Montesquieu foi o primeiro que o observou. «Achareis no norte, disse elle, povos que têm poucos vicios e muita sinceridade e franqueza. Approximando-vos dos paizes do sul, julgareis affastar-vos da propria moral.»

Ha, em taes affirmativas, certo, exageros que lhe valeram graves censuras. Estudos posteriores, no entanto, precisaram, ou quasi, as flutuações dessa observação e Le Bon poude dizer, sem os mesmos riscos, que «é certo, em geral, que um clima frio e secco desenvolve a energia e a aptidão para o trabalho, emquanto um outro, abafado e quente, provoca a preguiça, o medo a qualquer esforço, as tendencias para o repoiso e para os prazeres faceis». Assim, sob a influencia do clima, si e a sociedade se fixa em uma zona fria, o povo energico e apto, volitivo e emprehendendor, pode, si tiver capacidade ethnica, alargar as fronteiras de seu dominio e deslumbrar o mundo com as maravilhas de uma assombrosa civilisação. Si se fixar, porém, na zona torrida, precisará de uma capacidade ethnica especial para fazer face ás despesas com a adaptação, e, em regra, terá um florescimento passageiro, ou jamais se erguerà para o progresso—condemnada pela preguiça e pelo esgotamento. E' a historia das colonisações antigas. E' a historia dos povos da Africa. E' o que observamos nos Estados do norte do Brazil.

Como negar, portanto, a influencia do clima na constituição das raças? E si não podemos negal-a, como negar a acção do *meio*, do qual aquelle é, apenas, um dos factores?

E dos menos importantes para Hegel que, vendo a preponderancia não no clima, mas no aspecto physico da região, estudou a marcha das civilisações dentro de tres categorias geographicas. Dos de menos importancia, ainda, para von Ihering que considerou a situação especial do solo elemento maximo no processo das differenciações, e chegou a escrever que a simples mudança de berço dos povos é sufficiente para alterar aptidões de raça pre-adquiridas.

Dê-se, porem, a preponderancia ao clima, á salubridade, á situação especial do solo, ao aspecto physico, ao relevo orographico, à alimentação—o que ninguem contesta é a acção combinada d'esses elementos agindo sobre o individuo e sobre as collectividades, como causas duradoras na formação de suas aptidões ethnicas. Considerar a um d'elles com exclusão dos outros—è um erro. Negar sua influencia quando em conjuncto—é um absurdo. E si as divergencias nascem ao limitarem-se as fronteiras dentro das quaes age cada um, restabelece-se

o accordo na verificação dos resultados obtidos.

E' o que se dá, entre outros, com Oliveira Martins, que, negando ás causas externas a faculdade de determinar o phenomeno da civilisação, escreve, no entanto, que as condições do *meio* influem «no sentido da propria constituição physica do homem de um modo tal que chegam a determinar sub-categorias de capacidade ethnica»...

E' onde eu queria chegar. E' a resposta á interrogação que levantei quando indagava si as causas externas, agindo sobre o colono allemão e seus descendentes, fariam d'elles uma sub-categoria de raça.

Farão!—diz o ligeiro estudo que se acaba de ler; farão! -diz Oliveira Martins no periodo que transcrevi; farão!—diz Esquiros, quando afirma que o meio exterior è um molde para as raças; farão !— diz Quatrefages quando observa que o francez emigrado para o Canadá, depois de algumas gerações perdeu em estatura, se fez moreno, teve alterados os traços physionomicos, viu mudar-se-lhe a côr dos cabellos;—quando verifica no norte-americano a alteração de caracteres osteologicos que recebera do anglo-saxonio;=quando attesta as profundas modificações que, no fim de duas gerações, têm alterado na Nova Zelandia e na Australia a constituição physica dos emigrantes inglezes.

Ora, o que se dá, em nossos dias, com os francezes no Canadá, com o anglo saxonio nos Estados Unidos, na Nova Zelandia e na Australia, é a velha historia das colonias phenicias nas duas bacias do Mediterraneo, é a historia das colonias latinas e rabes da peninsula iberica, é a historia da expansão germanica pela Europa,—que digo? è a historia de todos os povos migradores, em todos os tempos e em todos os paizes.

Por que fariam, então, caso á parte, as colonias tudescas entre nós? Os germanos, sempre, se deixaram assimilar: recordo os Godos, os Vandalos, Herulos e Burgundios, no passado; lembro, no presente, a emigração para a Argentina e para a America do Norte. Quem fala em perigo allemão nos Estados Unidos? Quem sabe, mesmo, que, ali, sò em uma cidade, em Chicago, existem 400:000 allemães!

Si é esta, porèm, a lição dos factos; si os allemães se têm, sempre, deixado assimilar, porque se collocariam aqui, fóra das contingencias do novo *habitat*, e manteriam integraes, no tempo e no espaço, as aptidões de raça, que, em outras migrações não poderam defender? Não è illogica e absurda semelhante excepção ? E em que se apoiam aquelles que acreditam em sua existencia? Na permanencia da lingua allemã.

E' nisto; apoiam-se especialmente nisto: o colono e seus descendentes,—affirma-se—fallam apenas o allemão!

Em primeiro logar, èfalso que assim seja: deram se abusos, è certo, atè alguns annos: em escolas municipaes ensinava-se tudo—menos a lingua portugueza: hoje, em parte alguma se reproduz o facto, e, nas regiões mais *germanisadas*, como Blumenau, Joinville e Brusque, surge, ao lado dos ex-colonos uma raça forte, descendente dos teutos, brazileira pelos caracteres physicos, pela lingua e pelos costumes.

Falla o allemão? Falla, como falla, correntemente, o portuguez.

Si assim não fosse, porèm, si fallasse apenas o allemão, ainda não haveria perigo, porque, sob a influencia de sua nova localisação geographica, a lingua allemã estaria e bem despressa convertida num dia lecto.

Sabe se que as linguas, como qualquer organismo, se alteram sob a influencia das forças modificadoras do meio. Para Whitney, estão num eterno processo de differenciação; para Hovelacque, suas formas não somente se modificam, mas, as vezes, se perdem, totalmente.

O clima, sobretudo, tem sobre ellas tal preponderancia que Hardy procurou demonstrar uma filação linguistica estabelecendo a lei chamada da «diminuição sonora dos valores phoneticos» isto é, affirmando que «os sons se tornam mais agudos à medida que cresce a latitude, ou baixa a temperatura».

Exemplos? A lingua portugueza transformou-se num dialecto no Brazil, observaram Josè de Alencar, Theophilo Braga, Sylvio Romero; o bulgaro de hoje, affirma Oliveira Martins, assemelha-se ao russo e era um dialecto turco; o inglez da metropole, leio na *Vie du langage*, repelle com o nome de *americanismo* a lingua fallada nos Estados Unidos; existem na Allemanha, assevera Whitney, regiões inteiras onde so dialectos são inintelligiveis para quem só è versado na lingua literaria...

Não preciso, entretanto, sahir do Estado para trazer os melhores exemplos: jà è quasi um dialecto o allemão fallado em Blumenau e Blumenau tem sómente 56 annos de fundação; é um dialecto e inintelligivel para quem não aprender a lingua fallada pelo teuto brazileiro serrano...

Está, assim, respondida a minha segunda questão: a lingua allemã, sob a influencia do meio tende a desapparecer num dialecto que, facilmente, será assimilado.

Ora, sendo ascondições mesologicas actuaes bastantes, como forças externas modificadoras, para fazer do teuto brazileiro uma subcategoria de capacidade ethnica—e o demonstrei; tendendo a lingua allemã a desapparecer n'um dialeto—como deixei evidente: que laço no futuro prenderà o colono á patria de seus maiores? O do sangue? este se rompeu com a formação de um novo typo ethnico. O da lingua? este desapparecerá com a formação de um ou

mais dialetos e o colono em breve, não se faria comprehender na Allemanha si ali fosse. O dos costumes? este não existirá dentro de pouco tempo: ha de desapparecer como desappareceu, já, no teuto-brazileiro serrano.

Que laço, portanto, ligará o côlono á terra de seus avòs? Onde está o famoso perigo da germanisação de Santa Catharina?

(Estudos de sociologia)

A. N.

Os mythos solares entre os indios

Michaud d'Humiac assevera em «Les grandes légendes de l'humanitè» que si as creações poeticas de um povo são uteis ao historiador como affirmações de sua intellectualidade, não é menos valioso o estudo de seus mythos como documentos de estados psychicos. A Illiada è a nota bellicosa da alma grega: Psychè é a sua nota emocional. Completam-se.

Antes de Humiac, as investigações da archeologia prehistorica tinham levado a attenção dos scientistas para o exame do homem primitivo, estudado atravès dos fosseis, dos monumentos megalithicos e dos instrumentos de silex, bronze e ferro encontrados em escavações realizadas, a principio, na França, depois na Inglaterra. E, como consequencia necessaria a essa ordem de estudos, a anthropologia occupara-se do selvagem, e sua organisação social, familia, costumes, tendencias, paixões, lendas, praticas religiosas, tudo fôra examinado à luz de uma critica scientifica, imparcial e rigorosa.

Robustecida, então, com os elementos encontrados, pôde a anthropologia, pouco a pouco, determinar o papel do homem no mundo physico, estudar as reciprocas influencias do individuo e do meio, aproveitar, mesmo, os documentos psychologicos espalhados em toda parte nas lendas e mythos. E deste modo precisou-se o grão de sua mentalidade e uma revolução se fez em sciencia

Verificou-se, com effeito, a unidade dos mythos e lendas, todos os quaes divergem de um tronco commum, que parece ser o aryano, e esboçaram-se as phases da evolução do pensamento, precisadas por Augusto Comte na conhecida lei dos tres estados. Viu se ainda, que, acompanhando as manifestações do pensamento—gradativamente theolgico, metaphisico e positivo, as sociedades, organisando-se sob a influencia da guerra, partem da pesca para o pastoreio e para a agricultura, desde as idades paleolithica, e neolitica, ás idades do bronze e do ferro. Aceitou-se isso, e facil foi reconstituir as impressões soffridas pelo homem nos primeiros dias de sua assistencia no planeta.

Lançado á face do mundo, no periodo quaternario de sua formação, testemunha passiva das supremas convulsões que devem ter agitado a crosta da terra, elle viu, certamente, sem poder explical-os, uma serie de phenomenos que a principio o admiraram e, depois, o aterrorisaram. Durante o dia, lembra Oliveira Martins, o aspecto das matas, durante a noite, o aspecto maravilhoso do cèo, o somno e os sonhos, o impressionaram fundamente, pondo em conexão intima o mundo objectivo e o mundo subjectivo.

Apparecem, nesse momento, os mythos religiosos. O temor do desconhecido prostra o selvagem e gera as primeiras idèas animistas. Deus surge, sem forma, do terror. Ainda não è zoomorpho, como entre os egypcios (por que não citarei tambem, entre nòs, os orizes?) nem antropomorpho como entre todos os povos que acceitaram a cosmogonia mosaica. E' lê-se nos «Mythos religiosos» «é uma interpretação animada de um astro distante, de um phenomeno cuja theoria se desconhece.»

D'ahi, o caracter psychico e astral da mythologia na infancia dos povos: astral, sobretudo, porque as impressões do mundo externo primam sobre as do mundo interno. E è assim, dentro do concerto e das harmonias da natureza, que o homem experimenta, pela primeira vez, as distincções abstractas do bem e do mal—fundamentos futuros da moral

Osiris, lembra Draper, é o deus bemfazejo. Typhon, é o perverso—no Egipto. Deus e o diabo, entre os latinos, são os dois termos oppostos. Tupan e Anhangá, o são, tambem, na maioria das tribus tupi-guaranis. Um é o dominador das chuvas, da colheita e da abundancia: o outro governa o soffrimento, a miseria e o luto. Um symbolisa o sol, com as suas claridades e esplendores: o outro symbolisa a noite com os seus mysterios e perfidias.

E' interessante observar que, nesse periodo da evolução humana, o sol e a lua são deuses inimigos. Durante os degraos assignalados, isto é, emquanto o homem vive, apenas, da pesca, da caça ou do pastoreio, preferindo a noite ao dia, e as matas sombrias ás campinas, a lua é o deus e o sol a deusa; aquelle benefico, esta malefica. Praticada a agricultura tudo se transforma.

O habitante das montanhas e dos bosques desce para as planicies. Ja não è noctivago e nem teme a luz do sol. Este se torna o deus e a lua a deusa.

Grandes modificações se têm operado, então, em seu organismo, em suas tendencias e em seus costumes. De dolicocephalo, tornou se brachicephalo. Abandonou a vida errante e sahiu das cavernas. Aprendeu a construir cabanas. Serve-se de instrumentos de pedra polida. Lavra os campos. Manifestam se lhe os primeiros sentimentos estheticos pelo gosto dos adornos, e incia-se-lhe a religiosidade pelo culto dos astros e dos mortos.

Justamente este era o estado, affirma Couto de Magalhães, em que se encontravam os nossos selvagens por occasião da descoberta do Brazil. Praticavam a agricultura. Viviam em tabas. Enfeitavam-se de pennas em os dias de grande solemnidade. Respeitavam os mortos. Veneravam seus heróes.

Longe, porém, de predominar em seus mythos a feição eschatologica, seu caracter e não sòmente delles, de todas as lendas, é essencialmente astral. E nem se estranhe esse caracteristico astral, quando è tão vario e rico o aspecto de nosso cèo, proprio a absorver toda a simples admiração do indio, admiração que foi, aliás, geralmente observada e verificada nos mais antigos documentos.

E' assim que Francisco Rodrigo do Prado, na Historia dos Indios Cavalleiros ou da Nação Guaycurú (1795), publicada na Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Brazil (tomo 1.º n. 1, 1839) nos diz que elles davam ao sol, à lua, a venus, a mercurio, emfim a todas as estrellas que, por sua grandeza ou figura, se fazem recommendaveis á vista, nomes differentes dos que davam a todas as estrellas juntas, accrescentando «que festejavam o apparecimento das sete estrellas.»

A mesma revista (vol. 1º, 2ª, ed.) informa que os tupinambàs tinham suas constellações protectoras e

de areia da realidade. Si doe muito ao literato a analyse rigorosa da sua obra, mais lhe doerá de certo ver o analysta disfarçado em Pierrot sahir cabriolando, a tilintar os guisos e a zabumbar os tambores, nuns apupos mephistophelicos...

— Com a palestra preambular que ahi fica, sem impostura e sem preoccupações subalternas, quiz apenas deixar traçada, bem que, de modo perfunctorio, a minha intuição sobre o thema que abordei. Fil-o sobretudo, porque tinha de escrever alguma coisa sobre uma das manifestações do talento proteiforme de Abdias Neves e preferi encaral-o como critico. Era preciso portanto, dizer como eu comprehendo esse ramo difficil da literatura. Não é que eu pretenda fazer um estudo, mesmo incompleto, da obra de Abdias nessa importante secção das letras. E' trabalho que demanda a competencia que me fallece e não o comportaria o minguado limite deste artiguete.

Demais, teria de esbarrar diante da falta de dados precisos para um julgamento consciente da sua obra, que é bem vasta, mas anda toda esparsa na imprensa periodica.

Tão alto não irão, pois, os meus intentos.

Vae para um decennio, retornava aos seus penates o dr. Abdias, portador da laurea de bacharel, conquistada na velha academia pernambucana. Que o moço piauhyense não se cingira á monocultura da vinha arida do direito, provaram para logo as suas estréas auspiciosas na poesia, na critica, no conto, no romance, na chronica etc.

Era bem provida a sua bagagem de conhecimentos, mas, como elle proprio o reconhece, vinha imbuido desses prejuizos academicos, de que só mais tarde conseguio libertar-se. E' por isso que os seus primeiros trabalhos se resentem de intransigencias demasiado rigorosas.

Professava em tudo um radicalismo exaggerado. A evolução, em sua marcha lenta e firme, não lhe satisfazia as aspirações irrefreaveis: era preciso revolucionar tudo.

Não podia soffrer que um poetastro cantasse a sua eleita na toada dolente da lyra casimireana. Devia ser banida de vez a poesia lamurienta, sentenciava elle.

Os pobres trovadores, feridos no que elles muito compenetrados consideravam o seu *amor proprio*, enristaram as armas com o critico demagogo. Datam dahi as suas primeiras luctas na imprensa indigena, luctas estereis e inglorias que não raro degeneram no ataque pessoal. Modificou-se muito ulteriormente e tem produzido estudos de incontestavel merito. Foi, pode-se dizer, uma nova adaptação ao meio social, não tomada a expressão na technica criminal.

O que eu admiro, sobretudo, em Abdias Neves è a sua actividade à norte-americana e o seu espirito de combatividade numa terra onde se vive de esmorecimentos.

E é uma actividade que se desdobra em varios e complexos departamentos.

Para estar ao corrente do que se passa no mundo intellectual, elle se entrega a afanosos estudos de gabinete. E' preciso uma vontade mascula para se dar a esses labores cerebraes num clima como o nosso e na quadra que atravessamos, sob uma tão alta pressão de calor, que è quasi incompativel com a vida animal.

Fecho esta prosa dissaborida com os meus emboras ao Abdias, pela conquista de mais um anno de afadigosa existencia.

Plauto.

conheciam bastantemente os astros para se governar por elles « e irem parar à terra pretendida sem perder o passo.

Magalhães, por sua vez, acceitando a observação, accrescenta que a theogonia tupi se resume em tres entes superiores—o sol, a lua, e Perucá ou Ruda, alem de outras divindades subalternas, opinião que se harmonisa com a de Oliveira Martius quando escreve:

« De rastos, com as mãos erguidas para o firmamento luminoso dos tropicos, no extase da abjecção mysteriosa, os tupis, em côro, clamam—Theh! Theh! à lua branca do céo. O crescente enigmatico, mais pessoal ainda de que o sol, porque se deixa fitar, porque se não dissolve nas ondas de luz diffusa, porque se destaca vivo num lençol alegre crivado de estrellas, o crescente é um pai. »

E nem se julgue que pudessem escapar á attenção dos indios os multiplos phenomenos da natureza. Uma lenda que se encontra na revista citada (julho de 1844 e tom. V, 2ª ed.) ensina, explicando os eclipses, que depois da desavença entre o sol e a lua, lançaram esses deuses o exercito de seus espiritos numa guerra que ainda continua. Vencido um dos belligerantes occulta a face envergonhado.

As montanhas e os precipicios appareceram em consequencia dessa luta, porque, primitivamente, a terra era symetrica e plana.

Não é, ainda, sufficiente para demonstrar a feição astral da mythologia entre os indigenas do Brazil? Basta, porém, semelhante feição para affirmar ahi, a existencia dos mythos solares.

E nem se contestou ainda que o sol e a lua fossem o centro das idéas religiosas na quasi totalidade das nossas tribus.

Entre outras, para citar ainda uma opinião, escreve José Joaquim Machado de Oliveira na revista a que me venho referindo (1844), que, ao se penetrar pela primeira vez na região septentrional do Brazil, se observou em muitas das tribus que ali viviam uma especie de culto do sol.

E accrescenta que em « outras tribus que viviam debaixo de uma temperatura menos intensa, era á lua que se dirigiam adorações e offerendas, considerando a—como um nume tutelar e benigno que tinha sob seu desvello os fructos da terra e os espargia profusamente aos homens e irracionaes. »

Os selvagens chamavam á lua *Jaci*, de *Ja* planta e *ci* mãi, ou *mãi dos vegetaes*, attribuindo—lhe, como vimos, uma acção propicia sobre as arvores, as roças e as demais plantações.

Quando era chegada a *lua nova*, ao apparecer o crescente no horizonte, elles se reuniam na ocara e despediam flechas implumadas para o alto, gritando: *Jaci*. Acompanhados, depois, pelo pagè, dirigiam-se para o bosque onde lhes era servido o licor da jurema.

Isto quanto ao culto da lua. Para maior desenvolvimento e estudo sobre o do sol, remetto o leitor aos excellentes trabalhos de Beauchamp, Martins e Spitz. Antes de terminar, porèm, uma observação para explicar por que todos os mythos solares observados entre os nossos indigenas são femininos. Nossos selvagens foram encontrados pelos europeus na idade da pedra polida e ao ver de Couto de Magalhães nunca se pôde provar que tivessem atravessado a idade anterior da pedra lascada. Eram agricultores sem que tivessem sido pastores e sob o ponto de vista religioso não tinham passado do matriarcado. *Jaci*, a lua era a mãi dos vegetaes; *coaraci*, o sol, era a mãi dos viventes, ou dos animaes. E' esse o motivo por que todos os seus mythos são femininos.

(Estudos de anthropologia)

A. N.

EPOPE'A DO BRANCO

Linho da côr das neves e do gêlo
da textura suavissima dos luares;
Linho da côr das brancas e estellares
palpitações da luz do Setestrello;

Sol que illuminas a ancia e o pesadello
dos meus longos e interminos scismares;
Marfim trazido em arcas de alem-mares;
Lyrios que, ás vezes, mancham Seu cabello;

Alasbastros purissimos! Desejo
ver todos vós unidos num cortejo
de Passaros e Sões, de Flores e astros,

para mostrar que, junto dos Seus dentes,
Vòs sois negros e turvos, ó esplendentes
Linho, Sol, Marfim, Lyrios, Alasbastros!

A. N.

CASA "ANISIO BRITO"
(Bibliotoca Publica)
TERESINA

A paschoa e os ritos do fogo

As religiões antigas são, quasi todas, representações cultuaes do modo por que os povos comprehendiam certos phenomenos telluricos e astronomicos. D'ahi, a feição astral que reveste os festejos que solemnisavam e solemnisam ainda a entrada do anno. Era na primavera e no momento em que o Sol penetra o signo do Carneiro (agnus), que elles tinham logar, symbolizando a morte e o renascimento d'aquelle astro. E si eram moveis, si se realisavam em epocas differentes, é por que o anno, principiando na primavèra, esta, sujeita ás variações de latitude, não podia começar no mesmo dia em toda parte. O certo è, porem, que elles atravessaram todos os povos, revestindo-se de um caracter uniforme que lhes atraiçôa a continuidade historica. O certo é que as festas realisadas no mundo christão durante a semana santa já se celebravam na Phrygia, Phenicia, Persia, Egypto, Gallia, Grecia e Roma, muito antes de alvorar a seita messianica.

A encarnação phrygia do sol era *Atys*, deus que morria quando «a primavera ia acabar e os ardores do verão principiavam a seccar os campos.» Fazia-se, então, em Byblos, ensina Albert Reville na *Hist. des Réligions de la Grèce*, uma festa lugubre. As ruas se enchiam dos tons plangentes dos funeraes e do chôro convulso de mulheres, que, cabellos desgrenhados, cobertos de cinzas, vestes rasgadas, corriam para os templos onde a imagem do deus morto estava n'um esquife. Realisava-se o enterro e dias depois o luto publico se mudava n'uma alegria doida para celebrar a resurreição de *Atys*.

«Assim como os christãos representam Christo pregado no madeiro da cruz, diz Theophilo Braga nas *Lendas Christans*, os phrygios, adoradores do sol, sob o nome de *Atys*, representavam-no na sua paixão por um mancebo amarrado a uma arvore, que se cortava com ceremonial. Ao pé da arvore *estava um cordeiro* como emblema do signo equinoxial da primavera. Estes mysterios de *Atys duravam tres dias de lucto e tristeza*, aos quaes se succediam os dias de alegrias ou de festas hilarias, em que *Atys* triumphava das noites grandes.»

Na Phenicia, o sol se corporificava em Baal. Como na Phrygia, celebrava-se-lhe a morte por meio de cerimonias funebres, e solemnisava-se-lhe a resurreição realisando imponentes festas. O deus morto era envolto em um sudario, exposto nos templos e depois enterrado.

A tradição phenicia diz que Baal *foi morto, desceu ao inferno e resurgiu depois.*

A proposito, escreve Malvert na *Sciencia e Religião*:

«Entre os phenicios, um dia da semana santa era consagrada a chorar a morte de Adonis Baal, o sol). Exactamente como na quarta-feira santa, o officio das «Trevas», é consagrado a morte do deus-luz, vão-se extinguindo, successivamente, todos os cirios até que não reste mais do que um (o cirio paschoal), que se vai esconder por detraz do altar e que apenas volverà a apparecer no dia da resurreição. Durante o segundo dia, consagrado ao luto de Venus o altar dos sacrificios não recebia victimas e ia-se visitar aos santuarios o deus Adonis estendido num leito. *Da mesma sorte expira o Messias* na sexta-feira, dia de Venus (*die veneris*), durante a qual é supprimido o sacrificio da missa. *Vae-se egualmente visital-o* [correr os passos) em capellas mortuarias» [os nichos).

A theogonia egypcia encarnou o sol em Osiris. Para Volney (Les Ruines] a lenda se refere ao sol quando diz que um deus sob o nome de Osiris fôra perseguido por *Typhon* e pelos *tyrannos do ar*, assassinado e mettido em um tumulo obscuro—*emblema do hemispherio do inverno*, donde, fugindo para o ponto culminante do céo, *resuscitara*. Esses factos mereceram dos sacerdotes de Memphis cerimonial proprio que se approxima extraordinariamente do ritual catholico romano. Approxima-se tanto, que, padres da egreja, como S. Agostinho, Athanasio, Athenagoras e outros, não o negam.

Na Gallia se celebravam, tambem, a morte e a resurreição.

Na Grecia, o mytho solar era *Adonis* ou *Bacchо*. E são innumeros os pontos de semelhança entre elle e Jesus. São loiros, ambos. Ambos se denominam *salvadores*. Amam os homens, pelos quaes morrem: Adonis amarrado a um poste e ferido por um golpe de flecha; Jesus pregado a uma cruz, ferido por uma lançada. Como Jesus, Baal e Atys, Adonis era exposto nos templos, no mesmo sudario branco. Era enterrado: havia os dias de luto. Resurgia: havia as cerimonias da resurreição.

E as festas eram, tambem, equinoxiaes.

Em Roma se reacendia, passado o dia de luto, o fogo sagrado; é, porem entre os persas, que vamos encontrar a representação viva das cerimonias cultuaes da Paixão, taes como as pratica o christianismo.

Mithras—o sol, inimigo de Ahrimane—a treva, nasce como Jesus, no solsticio do inverno, tem uma infancia humilde, opera milagres, e, afinal, è perseguido e morto. Seu ritual contem o sacramento do baptismo e a missa.

Os magos, que lhe praticavam o culto, celebravam as principaes scenas da Paixão ex-

pondo nos templos o corpo do deus morto, levando-o, depois, à noite, em procissão e depositando-o num sepulchro, onde ficava guardado e donde resurgia. Não ha uma scena da actual semana santa que não seja um arremedo do mithriacismo. E S. Justino o reconhece afirma quando escreve na *Apologia*: «Si egual coisa se passa em mysterios de Mithra, é porque os demonios malignos, imitando a instituição de Christo, o ensinaram a praticar».

Ha uma unica differença e essa relativa ao objecto do culto, que, entre os persas, era representado por um *touro* e entre nós se apresenta sob a forma de um *cordeiro*. Isto, no entanto, se explica por uma deslocação de solsticios, em virtude da precessão dos equinoxios, durante o tempo que vai de Mithra a Jesus. Essa deslocação fez que passasse a ter logar sob o signo do carneiro (*agnus*), o phenomeno que, antes, se dava sob o do touro.

Que concluir, então, d'esse ligeiro estudo comparativo? Concluo que as scenas da paixão ficam nas fronteiras da lenda. Ellas foram apanhadas nas tradições dos povos mediterraneos e entraram para o Novo Testamento como um enxerto erudito.

E' Renan quem affirma na introducção à *Vida de Jesus* «que os evangelhos são, em parte, lendarios porque estão cheios de milagre e de sobrenatural.» E accrescenta, logo em seguida, que ninguem escrupulisa em entremeial-os de addicções, em combinal-os de diversos modos, e em completal-os um com os outros.

Para elle, os evangelhos estão em desharmonia, desaccordam-se e só têm valor relativo. O de Matheus vale pela propriedade dos discursos; o de Marcos porque ficou sendo o mais antigo e original, aquelle a que se juntaram menos elementos posteriores.

O de Lucas, sendo escripto fóra da Palestina e depois do cerco de Jerusalem, è pouco fiel. O de João è absurdo pelos discursos que empresta ao Messias.

Inverosimeis, lendarios, contradictorios, pois,—para acreditar a Renan, que valor devem merecer como documentação da vida de Jesus? Nenhum, ainda mais porque são simples tradições apanhadas sem exame.

Dos tres synopticos, o de Lucas è o mais trabalhado, literario e erudicto e, justamente, o que offerece mais circunstancias sobre os derradeiros momentos do Mestre. Foi, comtudo, o que soffreu maior numero de interpolações,—que lhe alteraram o texto, amoldoando-o ás novas conveniencias da egreja no seculo IV.

Até ahi o dogma fundamental do christianismo fôra a Natividade. A religião nascente era uma religião dos humildes, toda aparentada na *vili plebecula* de que falla S. Jeronymo. Desde que a reconheceram, porem, nesse seculo, os imperadores Constantino e Theodosio, abandonou ella os antigos sectarios e veio armar tenda na sociedade patricia. De perseguida tornou-se perseguidôra. Os restos do polytheismo greco-romano foram tangidos para os *pagi* e, desprezadas as lendas populares primitivas, «entroncou seus dogmas na obra dos philosophos gregos, nos versos da Sybilla, nas Eclogas de Virgilio, nas Epistolas de Seneca».

Foi nesse momento historico que se interpolou em o Novo Testamento o mytho da Paixão, tal como existia nos ritos solares das tradições syro-hecllenicas Egypias.

E' a lição da Historia. Tudo em contrario è falso e absurdo.

Christo não morreu no Golgotha—porque um e outro não existiram, são meras ficções. A cerimonia da sexta-feira santa è uma das quatro festas astronomicas da antiguidade. Alleluia significa —o que brilha no alto (*All*, elevado, *ulia*, brilhante) é a festa do renascimento e elevação do sol. A solemnidade da resurreição no domingo é a continuação d'essas festas. *Domingo* quer dizer *dia do sol*, como ainda se escreve em allemão *sonntag* e em inglez *sunday*. A palavra *Paschoa* significa *Passagem*: è a passagem do sol pelo equinoxio da primavera.

Posso, então, concluir e concluo que as cerimonias da semana santa já existiam nos ritos do fogo e se praticavam na Phrygia, Phenicia, Persia, Egypto e Roma antes muito de alvorecer a seita messianica

(Estudos de sociologia)

A. N.

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Publica)
TERESINA

Por minha vez

Não sei de mistér que requeira mais aptidões do que o de critico da Arte.

Quem não reunir excepcionaes qualidades de analysta e de psychologo e superior criterio na applicação dos methodos rigorosos da analyse, vanmente exercerà a critica em sua mais sensata comprehensão.

Isto dito em these geral, ajusta-se mais particularmente à critica literaria.

Um livro é como que um prolongamento ou o desdobramento da personalidade do seu autor, uma parte integrante do seu eu.

Analysal-o é quasi fazer uma vivisecção. Vem dahi que a penna do critico sangra muita vez como afiado estilête e instilla veneno como traiçoeiro aspide. Outras vezes elle a transmuda em recurva garra vulturina, para desfibrar nervo por nervo, até desnudar por completo o esqueleto do individuo submettido, na effigie do livro, ao crisol da critica lancinante. Pense-se no supplicio inquisitorial a que se condemna o paciente de tão rigoroso processo! O excesso de rigor anima quasi sempre o espirito de revolta que, nesta hypothese, toma a feição duma defesa reflexa. E' que, de concerto com a abservação do pontifice maximo das letras brazileiras, Machado de Assis, a analyse literaria tem de lutar contra esse entranhado amor paternal que faz dos nossos filhos as mais bellas crianças do mundo. Mas o desvio de extremo vigor, comprehende-se bem, não deve ser a queda para o extremo opposto. Criticar uma obra artistica não è baratear elogios incabiveis a qualquer mediocridade, nem afogar no volutabro o verdadeiro merito.

São dois escolhos, por igual perigosos, que a bôa critica deve cautamente evitar, como os pristinos mareantes do estreito de Sicilia evitavam os precipicios de Scylla e de Charybdis.

Mais se avolumam as difficuldades arrostadas, quando se sae do dominio das generalidades, para particularisar o campo de acção. Em nosso meio, ou, si quizerem no Brasil todo, ha um notavel desequilibrio na producção intellectual, maximé na poesia.

Sem querer em tudo submetter essa especie de cultura à lei economica da offerta e da procura, sou levado, comtudo, a reconhecer que ella tambem não se pode subtrahir de todo á influencia da lei apontada.

E basta uma pesquiza superficial para demonstrar o grande excesso da offerta sobre a diminuta procura. Dahi o barateamento, a desvalorização da superproducção. A literatura poetica no Brasil, affirmei alhures, é comparavel a um banquete opimo, de cardapio abundante e pouco variado, em torno do qual estão amesendados raros convivas, de estomago abarrotado, que sò têm bocejos de tedio para o fartum da comezaina indigesta. De longe em longe, o apparecimento dum acepipe de fino sabor consegue despertar o paladar embotado dos enfarados commensaes... A proposito, refere Sylvio Romero que numa excursão pelo Velho Mundo, apòs a morte de Emilio Castellar, teve de viajar em caminho de ferro na companhia de um hespanhol com quem travou conhecimento, desses conhecimentos fortuitos que se improvisam e que terminam com o termino da viagem. Coisa muito natural entre cerebraes, porque o castelhano tambem o era, a confabulação derivou logo para o terreno da dilecção de ambos. Quiz o sabio sergipano saber a quem o principe dos oradores, recem-morto, havia legado o seu sceptro e indagou dos progressos da oratoria na cavalheiresca patria do Cid. Na Hespanha, respondeu-lhe o itinerante, todos são oradores.

E isto não era uma hespanholada, porque a observação de Sylvio constatou depois, lá mesmo, a mania dos discursadores.

Talqualmente, accrescentou o philosopho brasileiro, posso dizer da poesia em minha terra: todos lá são poetas. E quem não é poéta, concluo, é contor ou chronista, por isso que a chronica, como elle diz humoristicamente, constitue uma das modalidades da vagabundagem literaria.

Mais apurados requisitos se exigem do critico desapaixonado entre nòs. E' preciso uma devotação paciente, para descer ao fundo desse magno mar e trazer de là o grão

O POETA

Encarar particularmente a personalidade de Abdias Neves pela face poetica, será missão que algum outro, de senso critico mais apurado e mais dextro nos torneios da fraze maleavel e polida, poderá fazer com brilho e vantagem.

Modelando os seus versos com amor e arte, burilando a rima pacientemente, brunindo-a, abrindo-a em lavôres custòsos, por ahi andam suas estrophes, em jornaes e revistas, infelizmente ainda não coordenadas num livro, que faria por certo a sagração official do poeta no mundo das letras.

Ninguem por ahi há que lhe possa negar mais essa faculdade, entre as multiplas em que se desdobra o seu bello talento de escòl. Critico, orador fogoso, polemista eximio, literato, jornalista de esclarecida intelligencia, não o é menos poeta, de imaginação fertil e largos vôos de inspiração, estheta da Fórma e do Estylo, sem sacrificar jamais o sentimento do Bello. Artista como quem mais o soubér ser, eléva o seu culto á deusa suprema de sua Phantazia, num requinte aristocrata de seu fiel vassalo e servidor. Basta lêr-se o soneto abaixo transcripto, para chegar-se à evidencia de nossa affirmativa:

Epopéa do rubro

Sangue que verte o cèo das madrugadas
por mil feridas humidas, radiosas;
Sangue que ensombra as petalas das rosas,
e eu tenho visto em rosas desfolhadas;

Purpura dos mantos reaes; Purpuras custosas
vindas do Oriente, em sedas transportadas;
Purpura que me recorda as encantadas
regiões do Nilo e as Deusas Mysteriosas;

Rubis de escura refulgencia vaga;
Vinho que as dores e a tristeza apaga,
Vinho que arrasta uma alegria louca;

Sangue, Purpura, Rubis, Vinho . . .
Descubro
que vôs—a gramma triumphal do Rubro
morreis de inveja olhando a Sua bocca !

E. M.

Reùnisse o Abdias versos deste quilate em um livro, desse-lhe assim enfeixados a devida publicação, e o seu renome de delicado cultor das musas mais se faria conhecer, no circulo daquelles que não tiveram ainda a felicidade de conhecel-o, ao menos de nome.

Um amigo.

Ao meu ineffavel amigo e distinctissimo collega Abdias—a maior, mais pujante e sadia mentalidade da actual geração de intellectuaes piauhyenses—os meus mais cordiaes e affectuosos emboras, com os votos sinceros que faço pela sua victoria constante e esmagadora no interminavel *strugle for life*!

19—XI—07

Francisco Parentes.

Ao Abdias, cujo, talento em suas multiplas manifestações eu admiro, cumprimento pela passagem de sua data natalicia, hoje.

19—XI 07.

João Santos.

Ao lealissimo espirito do Abdias, o amigo dedicado, o caracter purissimo que o admira e venera felicita o

João Piuheiro

19—II—907

A Guerra do Fidié

Deve apparecer hoje, editada pela Libro-Papelaria Véras a *Guerra do Fidié* de Abdias Neves.

Ao simples enunciado do nome da obra, comprehenderão todos os piauhyenses que se trata de um livro genuinamente do Piauhy.

Fidiè è um personagem popularissimo, quasi lendario em nossa terra. Os seus feitos, as batalhas em que andou empenhado contra os nossos maiores, quando foi a vez destes disputarem, pelas armas, a ambicionada liberdade, ficaram perpetuados nas impereciveis canções com que o estro do sertanejo piauhyense celebrou as victorias patricias.

O livro de Abdias Neves relata esta brilhante phase da historia do Piauhy. Deixando de lado a parte lendaria da vida do heroico chefe portuguez, para destacar os factos reaes e comprovados da luta homerica q' aqui sustentou, Abdias Neves fez obra de consciencia, e sobretudo obra moderna.

Na *Guerra do Fidié* a lenda foi substituida pela historia, larga e fartamente documentada.

O autor não é um chronista; — é um verdadeiro historiador.

E assim sendo elle faz na *Guerra do Fidie* não somente a narração, ou registro dos factos que nella se passaram, como ainda a synthese da feição social do Piauhy-colonia; não lhe escapando nem um dos factores que concorreram para os memoraveis successos de 1823, nem os antecedentes que os determinaram. As lutas que nasceram com os primeiros dias do seculo passado, e chegaram atè a Independencia, são magistralmente descriptas e commentadas, a luz da moderna sciencia da historia, estabelecendo-se a sua filiação com os grandes movimentos que agitavam todo o paiz, ou antes todo o continente americano.

A obra de Abdias Neves vale por um valiosissimo serviço ao Piauhy, a que faltam por completo, trabalhos dessa natureza. Representa um esforço consideravel, maximè porque o autor levou-a ao cabo sem o minimo auxilio dos poderes publicos, tendo consumido capitaes e não poucos annos em laboriosas pesquisas nos archivos de Therezina e do Rio.

Auguramos brilhante successo a «*Guerra do Fediè*».

Composto e impresso na
LIBRO-PAPELARIA-VERAS
THEREZINA